

RISCO

# Produto químico no Porto de Sergipe prejudica moradores de Jatobá

Há vários anos, os residentes do povoado sofrem com a sujeira provocada pelo uso do material

■ É comum pensar que a chegada de uma grande indústria em um pequeno município é o sinônimo de progresso. Em boa parte das vezes, essa chegada é vista com otimismo por ambos os lados: a empresa está fazendo um novo investimento, enquanto a população também vê a possibilidade de crescimento econômico na região.

Infelizmente, essa não é bem a realidade do Povoado de Jatobá, localizado na Barra dos Coqueiros, Grande Aracaju.

Desde quando chegou ao Porto de Sergipe, em 2004, a Vale tem causado transtornos na vida dos moradores, devido ao mau uso de um produto químico identificado como coque.

O material é utilizado na fabricação de cimento, e os componentes, além de sujar ambientes e objetos, são prejudiciais à saúde, podendo causar problemas respiratórios. Embora as atividades industriais com o coque tenham iniciado com a chegada da companhia, os moradores só começaram a sentir os efeitos alguns meses depois.

## ABAIXO-ASSINADO

Casas ficaram com as paredes e janelas mais sujas e a varanda das residências



Moradores afirmam que a fumaça provocada pelo coque pode ser vista da Rua 1

também não foi poupada. Ao pisar no chão, descalço, os moradores percebem que a sola dos pés ficam pretas automaticamente. O cuidado com os móveis passou a ser redobrado, já que sofás, mesas, armários e guardarroupos também estavam manchados com aquele estranho pó preto, parecido com uma borra de café.

A moradora e ex-presidente da Associação dos Moradores do Jatobá, Cícera Lúcia Santana dos Santos, foi uma dos residentes que perceberam rapidamente algo errado em toda a sujeira que chegava em casa e no estabelecimento comercial. "Fizemos uma reclamação e nos disseram que a sujeira vinha do asfalto, já que a pista fica perto do meu

restaurante", explica ela.

Preocupada com a saúde da família dela e dos vizinhos, Cícera se aliou ao aposentado Daniel Pereira dos Santos, outro morador que também percebeu a mudança na qualidade do ar. Ambos fizeram um abaixo-assinado, reunindo 180 assinaturas, e levaram até a Administração Estadual do Meio Ambiente - Adema.

"A Adema fez uma vistoria, mas o local não tinha nada a ver com a área afetada pelo produto. Os agentes foram levados à praia, enquanto o vento traz o coque para a direção oposta", disse Daniel, que inconformado, levou o caso para o Ministério Público Estadual - MPE. Após algumas audiências, o órgão pediu um novo estudo sobre a área, que

foi realizado pelo Instituto Tecnológico de Pesquisas do Estado de Sergipe - ITPS.

## RISCO À SAÚDE

Tendo em mão o resultado da pesquisa feita pelo ITPS, Daniel decidiu levar o problema ao Ministério Público Federal - MPF - em setembro de 2010, onde, desde então, está aguardando uma resposta. A questão do coque, no Jatobá, já dificulta a vida de alguns residentes.

A moradora Andréia Virgínia da Cruz Santos foi uma prejudicada pelo mau uso do material. Ela trabalhava como caseira todos os dias em uma residência da tia - que vive fora do País -, onde também morava com o filho adolescente. Andréia não